



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

EXPERIÊNCIAS AFETIVO-EMOCIONAIS DE ALUNOS DE PSICOLOGIA EM ATUAÇÃO CLÍNICA SOBRE O SOFRIMENTO HUMANO

Heloisa Aguetoni Cambuí † - heloisacambui@yahoo.com.br
Carmen Maria Bueno Neme ‡ - cmneme@gmail.com

†Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru; Docente de Psicologia, UniFil.

‡ Livre-Docente em Psicologia Clínica pela UNESP/Bauru; Profa. Adjunta do Departamento de Pós-Graduação, Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru

Resumo

Este estudo tem por objetivo apreender as experiências afetivo-emocionais de alunos do último ano do curso de psicologia em atuação clínica sobre as modalidades de sofrimento psíquico contemporâneo. Trata-se de um estudo empírico qualitativo, com base no método psicanalítico. Fez-se uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em situação de entrevista grupal para a abordagem da personalidade coletiva. A análise interpretativa do material obtido permitiu a apreensão das expressões simbólicas sobre o sofrimento psíquico, sendo este manifestado, principalmente, pelo vazio existencial, angústia, apatia, superficialidade e irrealidade. As expressões subjetivas dos alunos de psicologia sobre a atuação clínica frente a estas modalidades de sofrimento abarcaram a presença de ansiedade, insegurança, impotência, frustrações e angústias.

Palavras-chave: Estudante de Psicologia; Sofrimento Psíquico; Formação do Psicólogo.

Introdução

A constituição da identidade do psicoterapeuta decorre da trajetória pessoal do aluno, das suas experiências de vida e do próprio processo de amadurecimento emocional, associada às experiências práticas profissionais que se dão na medida em que exerce a atuação clínica (Aguirre, 2000; Faleiros, 2004; Palhares, 2011).

Reconhece-se que a formação do aluno em psicologia requer um contínuo e longo percurso de acesso às suas próprias sensações, percepções e crenças sobre o *fazer* e o *ser* psicólogo, além da aquisição das teorias e práticas psicológicas e da atribuição a estas de sentidos e significados e, ainda, do aprimoramento das potencialidades pessoais e profissionais. Contudo, à luz das contribuições psicanalíticas winnicottianas, pressupõe-se que primeiramente é preciso *ser*, para depois *fazer* (Winnicott, 1971/1975), ou seja, é preciso que o aluno de psicologia possa, antes de tudo, ser ele mesmo, visto que a pessoa do terapeuta é o seu



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

instrumento de trabalho para que, assim, ao estar solidificado nesta, possa compreender a função a ser realizada, o lugar a ser ocupado e exercer a prática clínica (Palhares, 2011).

Segundo Winnicott (1971/1984), a capacidade de sentir-se real é mais do que existir, é uma forma de descobrir um modo de existir como si mesmo, em relacionar-se com os objetos e ter um eu para qual se retirar para o relaxamento. Entende-se, assim, que a pessoa real, viva e suficientemente sensível do aluno de psicologia em formação pode possibilitar um acontecer clínico implicado e espontâneo, sustentado na ética do cuidado, na medida em que este sem facetas e defesas se permite ser afetado e acolher o que lhe afeta no exercício da formação profissional.

A literatura científica na área evidencia a manifestação, predominante, de ansiedades, insegurança, angústias, fantasias, medos e expectativas em estudantes de psicologia, em especial, no exercício da prática clínica (Cambuí & Ribeiro, 2014; Gallo-Belluzzo, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2013; Meira & Nunes, 2005; Paparelli & Nogueira-Martins, 2007). Compreende-se que estas, principalmente, a ansiedade e a insegurança vivenciadas pelos estudantes de psicologia em atuação clínica não se remetem, exclusivamente, à estrutura emocional pessoal. Todavia, correspondem, também ao escopo que envolve as relações significativas entre a teoria e a prática (Ribeiro, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008).

A mobilização dessas diversas e intensas cargas emocionais é desencadeada por múltiplos fatores coexistentes nesse momento particular da formação profissional. Entre estes se destacam: a vivência do próprio curso de psicologia que leva o aluno a entrar em contato com leituras teóricas e técnicas, incluindo relatos de casos; a mobilização de conflitos e conteúdos conscientes e não conscientes associados às experiências pessoais de cada estudante; a própria estrutura emocional do aluno advindas das relações intersubjetivas e a emersão intempestiva de reflexões, fantasias, questionamentos e críticas quanto a ser psicológico e ao seu fazer, tais como: o papel, as habilidades, a postura, as condutas e as funções necessárias para o desempenho profissional.

Além disso, encontram-se como outros fatores a necessidade de integração entre a teoria e a prática e a atribuição de sentidos próprios a este conjunto; a



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

responsabilidade e a complexidade de responder terapêuticamente a demanda do paciente; as tessituras da trama transferencial e contratransferencial em *setting* clínico, em que se articulam num campo relacional movimentos intrapsíquicos e interpessoais permeado por afetos, sentimentos e vivências; o próprio *dever de ser* na psicoterapia pessoal e as vicissitudes inerentes à supervisão clínica (Faleiros, 2004; Palhares, 2008; Paparelli & Nogueira-Martins, 2007).

Perante este momento tão peculiar da formação do *vir a ser* psicólogo, este estudo teve como objetivo principal apreender as experiências afetivo-emocionais de alunos de psicologia em atuação clínica sobre as modalidades de sofrimento psíquico contemporâneo.

Procedimentos metodológicos

Efetivou-se um estudo qualitativo, de caráter empírico, com base no método psicanalítico.

De acordo com Bleger (1989) e o grupo de estudos de Aiello-Vaisberg, compreende-se que as experiências humanas referem-se ao acontecer humano e se constituem como condutas dotadas de sentidos que emergem de campos relacionais. As experiências afetivo-emocionais correspondem, portanto, a dimensão de atos e manifestações do ser humano, isto é, ao modo como o acontecer é percebido, sentido e pensado pelo indivíduo.

Com o intuito de captar as experiências afetivo-emocionais de estudantes de psicologia em fase final de formação, o estudo privilegiou a investigação das condutas humanas que se expressam na área simbólica - o imaginário coletivo (Cambuí & Neme, 2014).

Participaram do estudo, sete alunos do último ano de um curso de graduação em Psicologia de uma Universidade Pública do interior paulista. Para tanto, com base nos procedimentos metodológicos propostos por Aiello-Vaisberg e Machado (2005) realizou-se entrevista grupal para a abordagem da personalidade coletiva, na qual foi aplicado pela pesquisadora o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T). Assim, em enquadre clínico diferenciado fez-se uso do objeto mediador (PDE-T) para a promoção de conteúdos emocionais não conscientes, a



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

manifestação emocional e a aproximação dos participantes à temática do estudo de forma transicional.

Os alunos em fase final de formação profissional, isto é, já em atuação em atendimentos clínicos em contexto de serviço-escola de psicologia foram convidados em situação coletiva a fazer individualmente um desenho, escrever uma estória associada ao desenho e a intitular o conjunto dessa produção de acordo com a seguinte instrução: “Desenhe uma pessoa que se encontra em sofrimento psíquico na atualidade”. Posteriormente, foi aberto espaço no qual os participantes pudessem se sentir à vontade para se expor, comentar sobre o assunto ou a produção pessoal.

A fim de apreender os campos psicológicos, segundo os quais se organiza o imaginário coletivo (Herrmann, 1979), os desenhos-estórias foram psicanaliticamente analisados a partir do uso da associação livre e da atenção flutuante, adotando as condições técnico-metodológicas herrmannianas, “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar o desenho”.

Resultados e Discussão

Os desenhos-estórias permitiram a apreensão e a interpretação de campos de sentido afetivo-emocional dos alunos de psicologia em fase de conclusão de curso sobre o sofrimento psíquico atual.

Privilegiou-se neste trabalho, o subcampo “Desesperança humana” que evidencia de forma representativa o imaginário coletivo desse grupo de participantes. Trata-se de um campo de sentido afetivo-emocional que se revelou predominante, sendo composto por manifestações subjetivas de que o sofrimento psíquico atual é tomado como uma condição extremamente perturbadora, a ponto de levarem os alunos de psicologia a aproximações defensivas e desesperançosas.

Apreendeu-se que o sofrimento psíquico foi tomado como um fenômeno de adoecimento centrado em angústias intensas, na apatia, no vazio existencial, na irrealidade, na desvitalização e na superficialidade do indivíduo frente ao contexto atual. Por sua vez, no que se refere à atuação clínica desses alunos diante desta modalidade de sofrimento, as expressões subjetivas revelaram a presença de insegura, ansiedades, impotência e expectativas frustrantes frente a realização do



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

atendimento clínico, priorizando condutas mais intelectualizadas e distanciadas. Observou-se, notadamente, que todos os participantes desse grupo recorreram a explicações descritivas, racionais e intelectualizadas do sofrimento e não compartilharam experiências de vida pessoais e vivências singulares do acontecer humano.

Os sentimentos observados nas manifestações imaginárias remetem à fragilidade emocional desses estudantes, devido, entre outras razões, a possível ausência de suportes pessoais e, também, acadêmico-formativos adequados e facilitadores que possibilitassem a eles, capacitar suas potencialidades formativas. Por meio do PDT-E, manifestaram-se desamparados e desesperançados com a própria atuação clínica, recorrendo a mecanismos defensivos.

Inferese que a mobilização deste aparato defensivo faz sentido, quando se pensa que são sujeitos em conclusão de curso que não estão vivenciando de forma íntegra e real a própria experiência clínica formativa. A proximidade do término do curso sem a chance dessa experiência revela-se como aflitiva e gera sensações de impotência em relação ao exercício da própria experiência clínica, bem como ao *cuidar-curar* das modalidades de sofrimento que os sujeitos apresentam atualmente.

É fundamental que o aluno de psicologia possa no percurso de sua formação se sentir real, vivo em sua interioridade e capaz de gestos transformadores. Entende-se, de acordo com Palhares (2008), que o psicólogo precisa estar vivo e real para si mesmo, pois é “dentro de si que ele irá se voltar”, em busca de recursos e de repouso, “frequentando intimamente as fronteiras de suas próprias possibilidades” (p. 104).

O ensino de psicologia pode conferir ao aluno a confiança e a segurança em si mesmo, a fim de auxiliar a compreensão sobre as condutas humanas e seus sentidos, o crescimento com as experiências vivenciadas, a visualização de erros cometidos e os modos de cuidados ao ser humano, posto que o resultado da aprendizagem em psicologia reside no reconhecimento de que o cuidado ao ser humano é infinitamente complexo (Cambuí & Neme, 2014). Portanto, ensinar a ser psicólogo e possibilitar o acontecer pessoal e formativo exige a oferta de elementos integradores e de desenvolvimento, com o intuito de facilitar o crescimento dos



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

alunos, a emergência das potencialidades pessoais, a promoção de experimentações criativas e a abertura aos encontros verdadeiramente mutativos.

Conclusões

O processo dinâmico de *vir a ser psicoterapeuta* envolve, essencialmente, a capacidade do aluno de psicologia em entrar em contato consigo mesmo, de se perceber e de se apropriar de si e do mundo externo de forma espontânea e criativa.

As experiências afetivo-emocionais sobre o sofrimento psíquico atual dos alunos do último ano de psicologia em atuação clínica foram apreendidas pelos campos de sentido e se constituíram essencialmente como um fenômeno maximizado de vazio, angústia, apatia e superficialidade. Diante das particularidades do sofrimento atual, os alunos em atuação clínica revelaram, predominantemente, manifestações de ansiedade, insegurança, impotência, angústia, frustrações e distanciamento emocional. Compreende-se que no último ano do curso de psicologia, o aluno vivencia diversas e intensas experiências e sentimentos relacionados a esse período conclusivo, permeado por angústias, expectativas e temores, no qual impera a ambivalência.

Deste modo, o ensino de Psicologia nos cursos de graduação, associado à psicoterapia pessoal, deve possibilitar o suporte técnico, teórico e experiencial necessário para a constituição identitária e formativa do aluno de psicologia, de modo que este possa, de acordo com suas características individuais, ser um psicoterapeuta suficientemente bom perante as mais variadas manifestações de sofrimento e adoecimento humano.

Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2005, novembro). Narrativa: o gesto do sonhador brincante. *Trabalhos do Encontro Latino-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 4.
- Bleger, J. (1989). *A psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963).
- Cambuí, H. A., & Neme, C. M. B. (2014). O sofrimento psíquico contemporâneo no imaginário coletivo de estudantes de Psicologia. *Psicologia: teoria e prática*, 16(2), 75-88. Recuperado em 10 de outubro de 2014, de



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200007&lng=pt&tlng=pt.

Cambuí, H. A., & Ribeiro, D. P. S. A. (2014). A clínica dos casos difíceis no imaginário de estudantes de psicologia. *Semina. Ciências Sociais e Humanas*, 35(1), 113-128. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2014v35n1p113>

Faleiros, E. A. (2004). Aprendendo a ser psicoterapeuta. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 14-27. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000100003>

Gallo-Belluzzo, S. R., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). The First Experience of Clinical Practice on Psychology Students' Imaginary. *Paidéia*, 23(56), 389-396. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-43272356201313>

Herrmann, F. (1979). *Andaimos do real: o método da psicanálise*. São Paulo: EPU.

Meira, C. H. M. G., & Nunes, M. L. T. (2005). Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de psicologia. *Paidéia*, 15(32), 339-343. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2005000300003>

Palhares, M. C. A. (2008). Transferência e contratransferência: a clínica viva. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(1), 100-111. Recuperado em 16 de fevereiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100011&lng=pt&tlng=pt.

Palhares, M. C. A. (2011). O psicanalista e seus afetos. *Alter - Revista de Estudos Psicanalíticos*, 29(2), 47-57. Recuperado em 24 de julho de 2018, de http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2011_2/03MariadoCarmo.pdf

Paparelli, R. B., & Nogueira-Martins, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(1), 64-79. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932007000100006>

Ribeiro, D. P. S. A., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, (28), 135-145. Recuperado em 26 de março de 2009, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200011&lng=pt&tlng=pt.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1971).